



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volume 68
2016

COLÓQUIO
TERRAMOTO DE LISBOA. ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA

A TRIPLA CATÁSTROFE CONTADA AO PAPA. CONTRIBUTO DA CORRESPONDÊNCIA ENTRE PORTUGAL E A SANTA SÉ PARA O CONHECIMENTO DOS FACTOS OCORRIDOS EM LISBOA

Carlos Boavida

Instituto de Arqueologia e Paleociências – FCSH/UNL / Associação dos Arqueólogos Portugueses / cmpboavida@gmail.com

Resumo

Vários são os relatos dos acontecimentos ocorridos em Lisboa no dia 1 de Novembro de 1755. Na sua maioria referem-se apenas àquele dia e aos subsequentes, destacando os momentos mais marcantes da catástrofe. No entanto, existe um relato, pouco divulgado, que devido ao seu detalhe e amplitude temporal é extremamente relevante.

Trata-se de um conjunto de cerca de cinco dezenas de cartas escritas pelo núncio apostólico em Lisboa, Filippo Acciaiuoli, com destino à Santa Sé. Através daquelas, o prelado fez chegar ao Papa pormenorizados relatórios da situação que se viveu em Lisboa ao longo de oito meses.

Palavras-chave: Lisboa, Terramoto de 1755, Correspondência, Filippo Acciaiuoli.

Abstract

There are several reports about the events occurred on November 1, 1755, in Lisbon. Most of them mention what happened in that particular day and the ones which follow, with special emphasis in the remarkable events of that day. However, there's one less known report which is extremely relevant due to its details and its time length.

It is an ensemble of almost five dozen letters written by the apostolic nuncio at Lisbon, Filippo Acciaiuoli, addressed to the Holy See. Through them the nuncio reports to the Pope everything that happened in Lisbon during about eight months.

Keywords: Lisboa, 1755 Earthquake, Letters, Filippo Acciaiuoli.

1. INTRODUÇÃO

Existem diversos relatos sobre o Terramoto de 1755. Uma grande parte deles são de estrangeiros que, por diversos motivos, se encontravam em Lisboa, tendo sido rapidamente difundidos através da imprensa estrangeira da época (Araújo, 2005: 58-99; Braga, 2007).

Em 1996, em artigo publicado na *Revista de História das Ideias* da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, o Monsenhor Arnaldo Pinto Cardoso deu a conhecer, na sua versão original, um interessante relato constituído por um conjunto de cartas inéditas relativo à correspondência do núncio Filippo Acciaiuoli, representante da Santa Sé, em Lisboa, entre 1754 e 1761. Em 2005, o mesmo autor publicou a tradução para português dessas cartas, que integram a colecção dos Arquivos Secretos do Vaticano.

Após a catástrofe e ao longo dos oito meses seguintes, com periodicidade semanal, o Núncio informou o Cardeal Secretário de Estado e o Papa dos acontecimentos ocorridos na capital portuguesa. Entre outros assuntos, são referidas as sucessivas réplicas e os danos provocados nos principais edifícios, assim como a duração dos incêndios, a necessidade de construção de barracas em vários locais da cidade e os roubos e pilhagens que por toda a parte foram sucedendo.

São igualmente mencionados os constrangimentos provocados pelo sismo à vida religiosa, o estado de saúde da Família Real e de outras personalidades, o apoio prestado por vários países no auxílio às vítimas e também à reconstrução.

O texto que se segue, baseado em grande parte em transcrições das cartas originais, tem como objectivo destacar alguns dos aspectos referidos pelo núncio. Por uma questão de organização das matérias, a análise desta correspondência é feita por assuntos tratados e não documento a documento.

Embora a sua família fosse originária da região de Florença, Filippo Acciaiuoli nasceu em Roma a 12 de Março de 1700, sendo o terceiro filho de Otta-

viano Acciaiuoli, marquês de Novi, e da sua mulher, Mariana Torriglioni, natural de Ancona. Teve como padrinhos de baptismo Michelangelo Conti, arcebispo de Tarso (futuro Papa Inocêncio XIII) e a duquesa Emilia Caraffa di Madaloni. Era sobrinho-neto do cardeal Niccoló Acciaiuoli (1630-1719) que exerceu importantes cargos junto da Santa Sé (Miranda, 2012/2015).

Em Agosto de 1722, concluiu a sua formação em direito canónico e civil na Universidade de La Sapienza, em Roma, tendo no ano seguinte integrado a prelatura romana, onde exerceu diversos cargos. Em 1743, após ter sido feito subdiácono e ordenado no sacerdócio, foi eleito arcebispo de Petra. Entre 1744 e 1754 foi núncio apostólico na Suíça, tendo chegado a Portugal em Janeiro de 1755 para exercer idêntica função (Miranda, 2012/2015).

O núncio encontrava-se na sua casa, em Lisboa, quando ocorreu o Terramoto de 1755, descrevendo o momento em carta dirigida ao Cardeal Secretário de Estado, escrita no dia 4 de Novembro.

“(...) della camera nella quale mi trovato veddi cadere il muro della parte del giardino, onde alzatomi dall’inginocchiato ove erro a prepararmi per dir la Messa mi posi sotto una porta, ma visto la caduta del muro aprii la porta e entrai in un passetto e aperta altra porta volli andare per una scaletta in giardino e cascato dal primo scalino acciecatto dalla gran polvere e percoso dai calcinacci che cadevano aprii miracolosamente altre due porte e mezzo vestito e mezzo spogliato mi trovai in giardino ove veddi cadere altra parte della casa. (...)” (cit. Cardoso, 1996: 449 – ASV, S.S. Portogallo 195, f. 176v.-179 – 4 Nov. 1755).

2. DO TERRAMOTO E DA DESTRUIÇÃO “DA CIDADE QUE FOI LISBOA”

Naquela primeira carta são descritos os vários abalos sentidos e as suas consequências imediatas, assim como os diversos incêndios que rapidamente surgiram um pouco por toda a cidade, nalguns casos danificando edifícios que tinham ficado apenas

parcialmente afectados pelo sismo, como é o caso do Palácio Real, a Igreja Patriarcal ou a Alfândega.

“(...) Sabato mattina alle ore nove e tre quarti si senti una scossa di terremoto così forte che in sette o otto minuti precipitò la maggior parte della città (...) in questa occasione accesosi il fuoco in più luoghi talmente serpeggiò che molte case che o non erano cadute affatto o erano intatte restarono incendiate e l’incendio fù tale che ancora dura e ora appunto che io scrivo sento che il fuoco sai in punto di attaccare la mia abitazione (...).

La rovina è tale che Lisbona non più essere in cent’anni quella che era (...) e perchè sono cadute in numero grandissimo le chiese e le non cadute tengono in temore che abbino patito a risco di cadere. Il Palazzo Reale, la Chiesa Patriarcale, la Dogana son in gran parte cadute e poi finite dall’incendio. (...).” (cit. Cardoso, 1996: 448-449 – ASV, S.S. Portogallo 195, f. 176v.-179 – 4 Nov. 1755).

Sobre os estragos provocados pelos incêndios, nomeadamente nos celeiros e armazéns, são transmitidas novas informações nas cartas seguintes, dirigidas uma vez mais ao Cardeal Secretário de Estado, datadas de 11 e 18 de Novembro e 9 de Dezembro:

“(...) il fuoco però è durato fino a venerdì e non ha recato inferior danno che il terremoto medesimo (...).” (cit. Cardoso, 1996: 450 – ASV, S.S. Portogallo 195, f. 179-182v. – 11 Nov. 1755).

“(...) Il fuoco che non ha recato minor danno si estinse dopo otto giorni o per dir meglio si tagliò tre case appunto distante dalla rovina della già mia abitazione, giacchè estinto affatto non puo ancora dirsi, continuando ne luoghi della case bruciate, legni e altro restato e passato ancora nelle cantine ove finisce di consumare paglie, fieni et altre materie suscettibili. (...).” (cit. Cardoso, 1996: 455 – ASV, S.S. Portogallo 195, f. 185-190 – 18 Nov. 1755).

“(...) Il fuoco nei fondi delle case bruciate e particolarmente della Dogana e Magazzini de mercanti ancora continua nè si è tentato alcun remedio (...).” (cit. Cardoso, 1996: 464 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 11v.-17v. – 9 Dez. 1755).

As gigantescas ondas provocadas pelo sismo são também mencionadas numa das primeiras cartas, referindo-se que aquelas arrastaram consigo diverso mobiliário e outros travejamentos, assim como pequenas embarcações.

“Il fiume Tago venne fuori sette volte per lungo trato e portò sulla strada alcune tábola e travi che erano sulla riva e sino una barca che medesimo ho vista restata sulla strada.” (cit. Cardoso, 1996: 449 – ASV, S.S. Portogallo 195, f. 179v.-182v. – 11 Nov. 1755).

Em quase toda a correspondência são referidas as sucessivas réplicas que se sentiram, nomeadamente as mais intensas, ocorridas em Dezembro, Janeiro, Março, Abril e Maio, assim como a queda de estruturas arruinadas, tais como a torre da Patriarcal ou o Teatro Novo (Casa da Ópera).

“(...) che fino a Domenica un ora in circa dopo mezzo giorno si è continuato a sentire nuove scosse, però leggere (...).” (cit. Cardoso, 1996: 450 – ASV, S.S. Portogallo 195, f. 179-182v. – 11 Nov. 1755).

“Si continuano a sentire sempre della sacosse di terra e non vi è giorno che non casche dalle fabbriche qualche muro o cantone o altri pezzi di edifici. (...).” (cit. Cardoso, 1996: 459 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 5v.-8v. – 25 Nov. 1755).

“Le scosse della terra continuano com frequenza e giovedì mattina poco avanti giorno ne fu una bem risentia che svegliò chi dormiva perche fu forse la più forte e lunga dopo la prima di quante ne siano state; per questa cade il campanile della chiesa Patriarcale che era rimasto smosso ma non era caduto per le scosse nè per il fuoco...” (cit. Cardoso, 1996: 465 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 17v.-19v. – 16 Dez. 1755).

“Le scosse della terra continuano frequenti, ma Domenica mattina se ne sentì una che fu terribile e pose universal nuovo spavento; sono per questa cadute diverse case e i muri del nouvo gran Teatro che erano rimasti diritti (...).” (cit. Cardoso, 1996: 467 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 19v.-21v. – 23 Dez. 1755).

“Le scosse dela terra non si sono fatte sentire da quattro o cinque giorni, essendone state due più sensibili il giorno primo del corrente (...) fatto molto danno in alcune parti del Regno non lonane da questa distrutta capitale.” (cit. Cardoso, 1996: 470 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 32v.-33 – 6 Jan. 1756).

“Continua a sentirsi le scosse della terra e giovedì sera, 12 del corrente, ne fu una che si rese a ciascuno sensibile e io che di tante sentitesi dal giorno di S. Tommaso 21 Dicembre nonne aveva sentita alcuna, non posso più dir così (...).” (cit. Cardoso, 1996: 479 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 60 – 16 Mar. 1756).

“Le scosse della terra continuano e ieri mattina se ne senti una bem forte che gettò a terra diversi muri delle case rovinare in città com molto spavento e morte di alcuno (...).” (cit. Cardoso, 1996: 482 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 80v. – 27 Abr. 1756).

“Nella scorsa settimana si sono sentite più frequenti le scosse della terra, e martedì se ne sentirono quattro dal levar del Sole a mezzo giorno (...).” (cit. Cardoso, 1996: 482 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 82r. – 4 Mai. 1756).

Alguns temporais, como o ocorrido no dia 10 de Fevereiro foram também responsáveis pela queda de diversas estruturas arruinadas, como foi então o caso da Igreja Paroquial de São Paulo, acidente onde pereceram quatro pessoas. O mesmo sucedeu com muros de terrenos em vários locais da cidade, como parte do que limitava a cerca do mosteiro de São Bento, mas nestes casos sem vítimas a lamentar.

“Martedì per un tempo di dirotta pioggia durata più di 24 ore continue, cade um pezzo della muraglia

della rovinata e poi bruciata chiesa parrocchiale di S. Paolo che copli sotto quattro persone che vi restarono miseramente morti. Cadde ancora un gran pezzo della muraglia della clausura di S. Benedetto e altre ancora in altri luoghi della città, ma senza mortalità di persone (...).” (cit. Cardoso: 1996: 476 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 50-51v. – 17 Fev. 1756).

Do mesmo modo foram transmitidas informações relacionadas com o impacto do sismo no resto do país, nomeadamente no Algarve e Alentejo, mas também na região de Madrid, residência da corte espanhola.

“Si è sentito in seguito tutto il Regno dell’Algarve in quasi uguali precipizi, lo stesso la terra e luoghi qua vicini e tutto l’Alenteggio e com una staffetta di Madrid si è saputo che colà ancora la scossa è stata forte ma di minor danno, mentre la Corte che era all’Escorial tornò il giorno stesso a Madrid e la notte dorme nelle tende, ma il secondo giorno si remesse alla solita abitazione.” (cit. Cardoso, 1996: 452 – ASV, S.S. Portogallo 195, f. 179v.- 182v. – 11 Nov. 1755).

Notícias sobre abalos sentidos noutros locais em datas próximas ao grande Terramoto (muito provavelmente réplicas) foram do mesmo modo referidas, nomeadamente em Marrocos a 18 de Novembro e em Coimbra, no dia 1 de Dezembro de 1755.

“(...) Non mi diffondo nella rovina di Marocco com una relazione di quelle parti, che sono grandissime (...) colà non fu il 1º ma il 18º di Novembre...” (cit. Cardoso, 1996: 467 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 19v.-21v. – 23 Dez. 1755).

“Nel primo del corrente si sentì a Coimbra una forte scossa di terremoto che recò gran danno aquele fabbriche e specialmente alle chiese...” (cit. Cardoso, 1996: 465 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 17v.-19v. – 16 Dez. 1755).

Logo nos primeiros dias são indicadas estimativas em relação ao número de mortos, cerca de um ter-

ço da população lisboeta, mas o nuncio questiona-se se estas correspondem ou não à verdade face à grande confusão e ao facto de existirem diversas notícias cuja veracidade acaba por não se verificar.

“E si voule che i morti siano un terzo degl’abitanti di Lisbona, ma per ora tutto è confusione e aviamo molte notizie che non si verificano (...).” (cit. Cardoso, 1996: 449-450 – ASV, S.S. Portogallo 195, f. 176v.-179 – 4 Nov. 1755).

“Il numero de morti è ancora incerto perchè molti sono ancora sepolti sotto le rovine (...).” (cit. Cardoso, 1996: 452 – ASV, S.S. Portogallo 195, f. 179v.-182v. – 11 Nov. 1755).

Embora permaneça a confusão na cidade, em finais de Janeiro de 1756, no que diz respeito aos bens necessários à alimentação, verifica-se uma expressiva abundância quando comparado aos primeiros meses após o cataclismo.

“Nel rimanente continua universale la confusione e vanno molto lentamente i provvedimenti per il reparo; quanto a viveri sono stati questi tali che non è mai mancato l’essenziale per il mantenimento alle persone anzi si ha avuto fin da principio e se ha presentemente il tutto in abbondanza.” (cit. Cardoso: 1996: 472 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 39v.-40v. – 20 Jan. 1756).

A ocorrência de temporais também criou diversos momentos de confusão e aflicção entre a da população, nomeadamente os que provocavam grande agitação marítima, devido à dimensão das ondas, como os relatados numa carta de 23 de Março.

“Doppo quasi due mesi di tempo sereno e sommanente caldo si messe il tempo fino dal dia 14 a dirotta pioggia che ancor continua... (...) Nella notte de 16 venendo il 17 fu un tal temporale de vento, tuoni, grandine e piogge com tempesta nel mare, che tenne tutti in gran timore (...).” (cit. Cardoso: 1996: 479 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 61-62v. – 23 Mar. 1756).

Um dos temporais foi também responsável por muitos danos e infiltrações nas barracas, que em alguns casos, acabaram mesmo destruídas pelo vento, em finais de Maio. Os estragos provocados por este temporal estenderam-se aos campos em redor da cidade, onde foram afectadas muitas árvores de fruto, mas não houve estragos nas searas.

“(...) Domenica notte venendo il lunedì fu tale la pioggia e la tempesta che entrò l’acqua in quasi tutte le barache, specialmente della povera gente (...) molta inquietude e alcune delle tende de cortigiani stappate dalla forza del vento (...).” (cit. Cardoso: 1996: 484 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 90 – 22 Mai. 1756).

“Per quanto si sente le avvisate tempeste, venti e piogge non anno fatto alla campagna specialmente e ai grani il danno che si temeva resterà però il pregiudizio nei fruti degl’alberi che son cadutti in gran quantità.” (cit. Cardoso: 1996: 484 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 92v. – 1 Jun. 1756).

3. HISTÓRIAS DE SOBREVIVENTES – O NÚNCIO, O CARDEAL E A FAMÍLIA REAL

Foram bastante adversas as condições de vida da população da cidade nos dias que se sucederam à catástrofe, facto ao qual também não foram imunes as figuras mais relevantes da sociedade. Atente-se ao caso do próprio nuncio, que perdera a sua casa (derruída pelo abalo e consumida pelas chamas), assim como parte dos seus bens e criados. Aquele acabou por se instalar numa tenda erguida na cerca do Mosteiro de São Bento.

“(...) Domenica a mezzo giorno e a piedi tra le rovine e i corpi morti me neveni al Convento dei Monaci di S. Benedetto che dietro al Monasterio ha una gran campagna nella quale ho posta una tenda e mi trovo com innumerabile quantità di gente d’ogni condizione.” (cit. Cardoso, 1996: 448 – ASV, S.S. Portogallo 195, f. 176v.-179 – 4 Nov. 1755).

“La mia casa è stata una delle più maltrattate perchè il di sopra cadde súbito (...). Mi sono mancati il Segretario restato sotto le rovine della mia casa, un Cameriere del Sig. Uditore e alcune delle mie mule nella stata. Restai per tutto quel giorno e notte nel giardino senza neppure poter alzare una baraccha per esser tutto sotto le rovine e venuto qui sono ancora com la veste da camera e com berretto e pianelle (...). In tal abito sono ancora, benchè dentro ieri mi abbino i familiari com gran loro risico prese dalle rovine di molte cose, ma il piú è rimasto e ora appunto argomento che sai in preda della fiamma.” (cit. Cardoso, 1996: 449 – ASV, S.S. Portogallo 195, f. 176v.-179 – 4 Nov. 1755).

O mesmo sucedeu com o Cardeal Patriarca, àquela data muito debilitado pela disenteria que o afectava então há alguns dias, o que o impossibilitou de fugir durante o sismo, sobrevivendo quase que por milagre, visto que na sala onde se encontrava todo o tecto desabou, não o tendo atingido, permanecendo este sentado numa cadeira quando foi encontrado. Pouco depois de ter sido retirado do seu palácio a maior parte do edifício colapsou.

“Il Sig. Card. Patriarca stava nella sua camera in una sedia dalla quale per le sue avisate flussioni non può muoversi, cadde il soffitto della medesima camera et egli resto intatto tra le rovine. Due servitori lo trasportarono fuori della camera e della casa e súbito uscito cadde tutto il Palazzo.” (cit. Cardoso, 1996: 449 – ASV, S.S. Portogallo 195, f. 176v.-179 – 4 Nov. 1755).

Ao longo de grande parte da correspondência analisada, verifica-se uma constante preocupação por parte do núncio em informar a Santa Sé do estado de saúde da Família Real e das condições em que esta se encontrava, sendo a mais relevante delas a referência à sua instalação em tendas montadas para o efeito em Belém.

“A Belém patì molto il Palazzo, ma le Maestà Illustrissime e tutta la Real Famiglia si salvò in campagna e

vivono in una e più tende, e il Re dorme in una carrozza (...).” (cit. Cardoso, 1996: 449 – ASV, S.S. Portogallo 195, f. 176v.-179 – 4 Nov. 1755).

“Onde giovedì mattina mi porati a Belem ove trovai in un giardino la tenda real e altra tenda della Corte (...).” (cit. Cardoso, 1996: 451 – ASV, S.S. Portogallo 195, f. 179v.-182v. – 11 Nov. 1755).

“Continua la Corte com buona saluta attendata nel solito boscchetto sotto i palazzi di Belem (...).” (cit. Cardoso, 1996: 449 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 5v.-8v. – 25 Nov. 1755).

“Continua la Corte sooto le solite tende nel giardino de Belem intanto che si erige un abitazione di tavole nello stesso giardino, tenendosi per sicuro che vi passerà tutto l’inverno (...).” (cit. Cardoso, 1996: 460 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 9v.-11 – 2 Dez. 1755).

Refere o núncio que chegou a ser equacionada a saída da família real de Lisboa, com destino ao Alentejo, mas tal não se chegou a verificar.

“Non si sà cosa farà la Corte, ma si dice che il Rè sai per andare nell’Alenteggio di costa dal fiume com tutta la Famiglia” (cit. Cardoso, 1996: 450 – ASV, S.S. Portogallo 195, f. 176v.-179 – 4 Nov. 1755).

As primeiras menções àquela que ficou conhecida como a Real Barraca, assim como à sua capela, surgem a 16 de Dezembro, onde são igualmente transmitidas algumas informações sobre o clima frio e chuvoso que tinha marcado os últimos dias, o que tornava muito desconfortável a permanência nas tendas.

“Si travaglia intanto a una cappella e una baracca di tavole per servizio delle Maestà Ill.me che stanno ancora sotto le tende che riescono incomode per il freddo e più per l’umidità che il tempo si è messo a pioggia...” (cit. Cardoso, 1996: 465 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 17v.-19v. – 16 Dez. 1755).

Novos dados sobre esta construção, mas também sobre o clima são transmitidas nas cartas seguintes. Numa delas é relatado o triste episódio dos “afogados do Rossio”, no qual diversos doentes do Hospital Real, que se encontravam instalados em tendas na praça fronteira àquele, morreram afogados devido à acumulação da água das chuvas do temporal da noite de 18 de Dezembro, que não tendo por onde escoar devido aos escombros e entulhos, inundou o local tirando a vida a todos aqueles que não conseguiram fugir pelos seus próprios meios.

“Giovedì notte com pioggia si ebbe un vento orribile (...). Essendo per ordine regio stato posto lo spedale com una baracca di tavole in mezzo a una piazza della città avanti all’antico spedale bruciato, non pensato avanti a far pulir le chiariche oturate per le rovine e calcinacci delle case rovinare, occorse che caduta l’acqua com violenza da canali dei tetti non pututa correre per le chiariche accennate allagò la piazza e il suddetto spedale posticcio in forma che restarono annegati cinque o sei di quei poveri infermi, salvatti gl’altri fuggendo come potettero.” (cit. Cardoso, 1996: 466-467 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 19v.-21v. – 23 Dez. 1755).

No final do mês a capela já se encontrava erguida, embora incompleta, e finalmente haviam começado as obras de construção da Real Barraca, num plano superior ao do Palácio de Belém.

“Il Re (...) ha fatta costruire una capace chies adi legno vicino alla chiesa della SS.ma Vergine chiamata dell’Aiuto (...) non afatto terminata fu a fare le sue devozioni il giorno di Natale. Intanto ora si costruisce in un piano grande sopra il Palazzo di Belem una baracca di legno che sarà di 7 in 800 passi per servizio e abitazione di tutta la Corte (...).” (cit. Cardoso: 1996: 469 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 22-28v. – 30 Dez. 1755).

No entanto a construção da enorme estrutura de madeira foi muito lenta, como quase todas as cartas a partir de então mencionam. A Família Real perma-

necia em tendas e não se equacionava reparar as fissuras e estragos existentes no palácio.

“Continua a travagliarsi, ma com somma lenteza alla nuova baracca di legno, in tanto tutta la Real Famiglia resta sotto le solite tende nel giardino, e non si pensa per ora a risarcire quei patimenti e crepature di muraglie che sono nel Real Palazzo de Belem (...).” (cit. Cardoso: 1996: 471 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 35-36 – 13 Jan. 1756).

“Alla nouva baracca del Re e aquella che si costruisce per il servizio della Patriarcale si va molto lentamente...” (cit. Cardoso: 1996: 472 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 39v.-40v. – 20 Jan. 1756).

“Continuasi il lavoro della baracca reale ma com istraordinaria lentezza (...) stato sospeso per qualche tempo per alcuna difficulta insorte incirca alla costruzione (...).” (cit. Cardoso: 1996: 476 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 50-51v. – 13 Fev. 1756).

4. A ASSISTÊNCIA DOS BENEDITINOS

Tendo-se refugiado na cerca do Mosteiro de São Bento, Filippo Acciaiuoli presenciou por diversas vezes a incansável assistência que os monges daquela casa dispensaram a todos aqueles que dela necessitaram. Uma outra evidência desta situação é o facto de aquele ter sido o local escolhido para a instalação de um hospital real para o tratamento dos feridos (Alberto, 2016: 31), uma vez que o Hospital Geral do reino, localizado no Rossio, tinha sido muito afectado pelo sismo e pelos incêndios que lhe sucederam.

“Qui in San Benedetto, d’ordine regio hanno posto uno spedale per i feriti che sono portati in gran numero ogni giorno e sono assegnati due chirurghi che lavorano incessantemente (...).” (cit. Cardoso, 1996: 452 – ASV, S.S. Portogallo 195, f. 179v.-182v. – 11 Nov. 1755).

5. COMUNIDADES ESTRANGEIRAS EM LISBOA E O APOIO DAS SUAS NAÇÕES

Logo nos primeiros relatos é feita a referência ao falecimento do Embaixador de Espanha, o Conde Peralta, encontrado sob os escombros à entrada da sua residência ao Largo do Loreto. De acordo com o relatado, o corpo foi levado pela família para a Igreja de São Bento, tendo sido sepultado na capela de Nossa Senhora de Monserrate, em cerimónia presidida pelo próprio nuncio.

“Restò tutto spianato ancora il Palazzo del Sig. Ambasciatore di Spagna del quale il figlio e alcuni domestici si salvò, ma il Sig. Ambasciatore (...) non si è trovato e si crede restato sepolto tra le rovine.” (cit. Cardoso, 1996: 449 – ASV, S.S. Portogallo 195, f. 176v.-179 – 4 Nov. 1755).

“(...) tra questi fu trovato sulla porta del di lui Palazzo quel del Sig. Conte di Prelada, Ambasciator di Spagna, che subito da suoi famigliari fu portato a questa chiesa di S. Benedetto nella quale è una cappella dedicata alla SSma. Vergine di Monserrato (...) avisato di ciò mi portai (...) alla chiesa e ordinato che lo trattenessero nell’atrio, feci disporre le cose in chiesa secondo il cerimoniale romano e vestitomi io degl’Abiti sacri feci la funzione dell’assoluzione e altro (...) lo feci sotterrare nella detta sepoltura (...).” (cit. Cardoso, 1996: 451 – ASV, S.S. Portogallo 195, f. 179v.-182v. – 11 Nov. 1755).

A saúde e as condições em que se encontravam os restantes representantes diplomáticos de outros países do velho continente são do mesmo modo enumerados.

“Tutto il mondo all’aperte campagne (...), il Sig. Ambasciator di Francia com tutta la sua famiglia e il piccolo figlio del Sig. Ambasciator di Spagna in una villa del Console di Francia; Il Ministro di Napoli resta nella sua casa nel desabitato e aperto della città, come il Sig. Inviato d’Inghilterra che ha ricevuto apresso di sè il Ministro d’Olanda com tutta sua

famiglia; le case di questi non anno patito et anno salvato tutta la sua roba; quella però del Sig. Ambasciato di Francia è restata intatta nella facciata, ma molto caduto dalla parte posteriore (...).” (cit. Cardoso, 1996: 452 – ASV, S.S. Portogallo 195, f. 179v.-182v. – 11 Nov. 1755).

As notícias sobre os acontecimentos ocorridos em Lisboa chegaram à Corte e ao Parlamento Britânicos no início do mês de Dezembro, mas essa informação só foi conhecida em Lisboa através de carta remetida ao embaixador inglês, que chegou apenas no final daquele mês, como refere Acciaiuoli. A velha aliada disponibilizou-se a prestar toda a ajuda necessária até à soma de um milhão de libras esterlinas, oferta que o nuncio inicialmente desconhecia se foi ou não aceite pelo Rei português, tendo-se verificado a última situação.

“Domenica mattina arrivò a questo Sig. Castres, Inviato d’Inghilterra (...) gli portò che solo il di primo del corrente arrivò (...) la notizia in confuso della destruzione di questa città che fue sentita com commozione in Corte e nel Parlamento (...) la prima nominò súbito un inviato (...) per venire a condolarsi col Re e offerirgli ogni aiuto (...) fino alla soma d’un milione di lire sterline (...). (...) nè mi è noto se la Maestà S. accettasse l’offerta.” (cit. Cardoso, 1996: 467 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 19v.-21v. – 23 Dez. 1755).

Recusa idêntica fez o Rei às ofertas de ajuda enviadas pela França através do seu embaixador. O auxílio disponibilizado pelo imperador austríaco ficou igualmente sem resposta.

“(...) Ambasciator di Francia ha avuto l’ordine dal suo Re di fare a S. Maestà il complimento di condoglienza per la sofferta calamità e di oferta di tutto l’aiuto che possa abbisognarli (...) ma questa hà ringraziato senza aver accettato cosa alcuna...” (cit. Cardoso: 1996: 469 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 22-28v. – 30 Dez. 1755).

“(...) giunse un corriere di Viena che portò lettere di

complimenti e offerte al Re nelle disgrazie del terremoto delle M. M. dell'Imperatore e Imperatrice Regina che sento non ancora rispedito." (cit. Cardoso: 1996: 471 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 35-36 – 13 Jan. 1756).

Em meados de Janeiro começaram a chegar os primeiros navios com bens de primeira necessidade, vindos de Hamburgo, e nos meses seguintes chegaram os providos do reino da Suécia e da cidade de Livorno. Em finais de Fevereiro verificou-se um retomar da actividade portuária, com a entrada de navios ingleses e a saída de navios portugueses para a ilha da Madeira e para o estado do Maranhão.

"(...) entrata nel giorno scorsi una squadra di quattro navi amburghesi che quella Repubblica invia carica di tavole, farina, biscotti, salumi, carni e altre provizione (...)." (cit. Cardoso: 1996: 471 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 35-36 – 13 Jan. 1756).

"Venerdi partirono le avisate navi svedesi, sono arrivate due navi provenienti di Livorno (...) cariche di tavole, mattoni e altri generi ora molto necessari in questa desolata città." (cit. Cardoso: 1996: 476 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 50-51v. – 17 Fev. 1756).

"Entrato in questo porto il resto del convoglio inglese e sono partite navi portoghesi per l'isole Madere e per il Marignone." (cit. Cardoso: 1996: 477 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 53v.-54 – 24 Fev. 1756).

No que diz respeito às comunidades estrangeiras em Lisboa são poucas as alusões, mas a partir do final de Janeiro são diversas as que mencionam que os artistas italianos a trabalhar em Portugal começaram a abandonar o reino, pois num país destruído não havia lugar para qualquer tipo de espectáculos.

"Il Re nel far darei l congedo al celebre musico Majorana (...) gli ha fatto regalare una tabacchiera d'oro de finissimo lavoro (...). Questo musico partirà nel fine della settimana scortato fino a confini da due soldati di S. Maestà che gli si ha accordati per sicu-

rezza della sua persona." (cit. Cardoso: 1996: 473 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 41-42. – 27 Jan. 1756).

"(...) essendo oramai partiti tutti i musici, sonatori, ballerini, intendenti, pittori, sartori e altri artisti che in numero considerabile e com grossissime annue paghe aveva la M.S. Fedelissima fatti venire dall'Italia e alre parti d'Europa (...)." (cit. Cardoso: 1996: 477 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 53v.-54 – 24 Fev. 1756).

"Sono partiti in questa settimana scorsa alcuni musici italiani di questa cappella Patriarcale, che non anno voluto più restare in questo paese (...)." (cit. Cardoso: 1996: 479 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 60 – 16 Mar. 1756).

O arquitecto Giovanni Bibbiena, natural de Bolonha, responsável pela construção dos teatros de Lisboa, Belém e Salvaterra, foi convidado a permanecer como arquitecto da Casa Real, mas recebendo pelo seu trabalho muito menos do que aquilo que tinha auferido anteriormente.

"L'architetto Bibbiena fatto venire da S. M. (...) com grosso annuo appuntamento per gl'edificii de Teatri (...) è stato ora rifermato per restrar qui com'architetto di S. M. com annuo appuntamento molto minore di quello che aveva prima (...)." (cit. Cardoso: 1996: 477 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 53v.-54 – 24 Fev. 1756).

6. LADRÕES E JUSTIÇADOS

São igualmente das primeiras cartas as referências aos sucessivos assaltos que ocorreram um pouco por toda a cidade nos dias que se sucederam ao sismo, durante os quais também terão sido ateados incêndios. Alguns dos infractores confessaram esses crimes, assim como a subtracção de diversos dos objectos roubados que esconderam em diversas embarcações, como sucedeu com a prataria da Patriarcal. As medidas tomadas pelas autoridades para debelarem essa situação não se fizeram esperar, com a prisão dos infractores, que após julgamento

foram enforcados em vários locais da cidade, numa clara aplicação de rigorosas medidas para impedir que situações idênticas tornassem a repetir-se.

"(...) e a questi si è aggiunta una gran quantità di ladri che anno apportato grandissimo pregiudizio volendosi ancora che da ladri stessi sai il fuoco acceso in due case; per questi si fanno ora tutte le diligenze per averli e dar loro il meritato castigo, diversi ne sono stati messi in carcere (...)." (cit. Cardoso, 1996: 451 – ASV, S.S. Portogallo 195, f. 179v.-182v. – 11 Nov. 1755).

"I ladri anno recato grandissimo danno e in questa settimana ne sono stati giustiziati nove o dieci, lasciate le teste sulle forche pintate in piu luoghi (...) e alcuni anno confessato di avere incendiato delle case e sotrate o nascote o portare nelle navi, vi si è trovata moltissima roba rubata e precisamente d'argenti di gran valore della chiesa Patriarcale in una nave inglese." (cit. Cardoso, 1996: 455– ASV, S.S. Portogallo 195, f. 185-190 – 18 Nov. 1755).

Algumas semanas depois esta situação estava em grande parte controlada pelas autoridades, como é mencionado a 25 de Novembro. Além de diversos ladrões terem sido "justicados", outra parte deles, que tinha fugido para países vizinhos, acabou por ser ali detida e remetida para Portugal, onde voltaram para o cárcere.

"(...) i ladri non sono cosi animosi come per il passato dopo le giustizie fatte e che si fanno di mano a mano, e quantità che erano fuggiti sono stati fermati nei paesi vicini e qua mandati." (cit. Cardoso, 1996: 460 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 5v.-8v. – 25 Nov. 1755).

Na carta seguinte, datada de dia 2 de Dezembro, voltam a ser referidos os enforcamentos (mencionados também a 16 de Dezembro), mas também que alguns dos ladrões foram condenados a trabalhar na limpeza dos escombros que bloqueavam as estradas da cidade. É igualmente referido o destino dado ao produto dos roubos entretanto resgatado

pelas autoridades e como seria devolvido aos legítimos proprietários.

"Si seguita a far giustizia per lo più di forza sopra i ladri che si lascino appesi in tutti campi (...) e gran numero ne è stato condannato a lavoro che sarà di pulir l'estrade della città e di far tutt'altro che purtroppo occorrerà in pubblico servizio e il valor della roba rubata trovata adosso ai ladri, nelle navi e sotto terra, confessata dai giustiziati si vuole che ascenda a un milione: tutta è depositata in luogo sicuro per restituirsi ai padroni rubati che potranno giustificarsi tali." (cit. Cardoso, 1996: 461 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 9v.-11 – 2 Dez. 1755).

"Molti sono i ladri che vengono ogn giorno carcerati e frequentemente fatti morire nel patibolo nel quale li lasciano pendenti per qualche giorno a terrore del popolo." (cit. Cardoso, 1996: 465 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 17v.-19v. – 16 Dez. 1755).

7. O RETOMAR DA VIDA RELIGIOSA. ENTRE O TEMOR E O MEDO

Apesar das muitas contingências à vida quotidiana da cidade, assim que possível foi organizada a primeira procissão de penitência, no dia 16 de Novembro, com membros de toda a sociedade, incluindo a Família Real, à qual se seguiu missa solene da Igreja das Necessidades.

"Domenica mattina (...) si fece la Processione di penitenza portandosi dal Decano dei Principali il legno della S. Croce sotto al baldacchino di cui portarono le aste il Re e i tre Infanti e quattro de primi Gentiluomini della Camera: in processione erano i Clero regulari e secolare e il popolo in confuso; e la Regina, com tutte le Principesse figlie, seguitò (...) a piedi e giunti alla chiesa chiamata la Santissima Vergine delle Necessità (...) entrò il Re dopo la reliquia in chiesa (...) assistè alle preci che si cantarono e poi a una solenne Messa della Madonna cantata (...)." (cit. Cardoso, 1996: 456 – ASV, S.S. Portogallo 195, f. 185-190 – 18 Nov. 1755).

A realização de procissões de penitência tornou-se uma constante como revelam às cartas de 9, 16 e 30 de Dezembro ou de 24 de Fevereiro.

“(...) io dissi alla Maestà Sua che com questo corriere avrei inviato motivi di consolazione a Sua Beatitudine colla relazione che gl’avrei tramessa dell’ exemplarissima Processione di Penitenza che si era fatta il giorno avanti nella città (...).” (cit. Cardoso, 1996: 462 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 11v.-17v. – 9 Dez. 1755).

“Si continua per la città a far Processioni di Penitenza e altre pubbliche devozioni e appunto venerdì ne fecero una di molta edificazione questi Monaci di S. Benedetto per questo campo nel quale ancora io resto (...).” (cit. Cardoso, 1996: 465 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 17v.-19v. – 16 Dez. 1755).

“Si continuano per la città delle particolari processioni di penitenza molto devote.” (cit. Cardoso: 1996: 469 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 22-28v. – 30 Dez. 1755).

“Nei giorni festivi continuano a farsi diverse Processioni com diverse specie di penitENZE e in tutti i giorno sono per l’ estrade diverse missioni nella quali predicano Religiosi e Preti secolari (...).” (cit. Cardoso: 1996: 477 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 53v.-54 – 24 Fev. 1756).

Foi necessário também solucionar os diversos condicionalismos à vida religiosa, visto que muitas igrejas e conventos se encontravam em ruínas, não possibilitando a realização do culto, nem assegurando a segurança das monjas. Tendo como objectivo solucionar estes problemas, Filippo Acciaiuoli apresentou algumas propostas a Sebastião José de Carvalho e Melo, que optou por lhes dar seguimento, visto que o Cardeal Patriarca nada fez para resolver o assunto, facto que bastante desagradou ao Rei, como referido na carta de 9 de Dezembro.

“(...) mi portai dal Seg. di Carvalho col quale ebbi un lunghissimo congresso, poichè cominciai dal dolermi che ancora non si era presa alcuna provvisioe perchè i Patriarcali ricominciassero il servizio della chiesa in qualche luogo come mi aveva fatto sperare secondo ancora le mie proposizioni, perchè le Monache si vedevano ancor girare com pericolo e scandalo, perchè i Parochi abbandonate le rovinate parrocchie se ne stavano come ong’altro per i campi e perchè nessuna collegiata aveva ripreso il servizio che si sarebbe potuto fare in ogni luogo ancor nelle baracche; fattemi su ciò delle doglianze sull’inazione del Sig. Card. Patriarca (...) e m’aggiunse che appunto quella matina il Re gl’aveva detto com ira che avrebbe esso fatto da Patriarca giacchè S. E. non voleva concludere ciò che lui apparteneva (...).” (cit. Cardoso, 1996: 463 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 11v.-17v. – 9 Dez. 1755).

Também com o Cardeal Patriarca, sobre as mesmas preocupações, teve o núncio reunião naquele mesmo dia.

“(...) insinuai a S. E. la necessità di provvedere ai Parochi che anno abbandonate le Parrocchie (...) le suggerii ciò che mi par necessario (...) S. E. mi promesse tutto, espezialmente una Pastorale che stà sotto torchio (...).” (cit. Cardoso, 1996: 463 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 11v.-17v. – 9 Dez. 1755).

Apesar dos seus reforços, na última carta que integra o conjunto da sua correspondência, datada de 29 de Junho, o problema parecia em grande parte por solucionar.

“Il mio operare nelle infelice presenti circostanze delle chiese e conventi e parrocchie di questa città e Regno... e veramente il bisogno è grandissimo per tutti i conti perche oltre l’economia mal menata avanti e precipitata poi dal terramoto vi è bisogno molto nella regolarità che particolarmente nei conventi era prima, molto più ora, affatto perduta.” (cit. Cardoso: 1996: 485 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 108. – 29 Jun. 1756).

Cerca de um mês após o sismo tornaram-se frequentes os discursos inflamados de alguns sacerdotes pregando medo e terror junto da população, argumentando que o cataclismo resultara de um castigo de Deus contra um povo pecador. Tal facto não foi bem visto pelo núncio, que solicitou mesmo ao Cardeal Patriarca que tomasse medidas para impedir a propagação desta narrativa.

"(...) non sono contento dell'imprudenza di molti frenetici sacerdoti, secolari e regolari che anno predicato voluntari com ispaventati et error (...) peraltri feci arrivare suggerimenti a S. Eminenza per proibire i voluntari indiscreti missionari, e qualche Regolare ho io medesimo correcto e impedito che più predichi perche diceva cose ancora contra la lettera dell'Evangelio e metteva spaventati alle persone idiote (...)" (cit. Cardoso, 1996: 461 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 9v.-11v. – 2 Dez. 1755).

8. A LENTA RECONSTRUÇÃO

Face à grande destruição dos edifícios da cidade e ao facto da catástrofe se ter verificado no final de um Outono bastante frio e chuvoso, a erecção de tendas para abrigo foi quase imediata, surgindo aquelas um pouco por toda a área da urbe e seus arredores. Nos jardins de Belém foi erguida, para instalação da Família Real, uma tenda de campanha mandada vir do Alentejo, visto que as que se encontravam nos Armazéns Reais tinham sido destruídas pelo incêndio que lá se verificou. Outras tendas foram distribuídas pelo rei aos que tinham maior necessidade.

"S. Maestà ha fatto venire in numero considerabile tende da acampamento di guerra che erano nella provincia dell'Alenteggio e in primo luogo ne la alzate una grande e conveniente per se e ne fatte distribuire altre a chi ne ha avuto bisogno, giacchè tutto ciò che era ne Magazzini Reali è perito com l'incendio (...)" (cit. Cardoso, 1996: 458 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 5v.-8v. – 25 Nov. 1755).

Também foram montadas tendas para a família de Sebastião José de Carvalho e Melo, assim como para os serviços da Secretaria de Estado que aquele liderava.

"Se ne fà bene una poco lontana a foggia di baracca di legno per il S. Seg. di Carvalho, sua famiglia e Segreteria (...)" (cit. Cardoso, 1996: 458 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 5v.-8v. – 25 Nov. 1755).

No entanto, as comodidades das tendas não eram obviamente idênticas, como o próprio núncio se lamenta, pois permanecia numa pequena barraca na cerca de São Bento, juntamente com os familiares e criados, rodeado de todo o tipo de gentes que se refugiara naqueles campos.

"Io resto ancora nel campo de PP. Di S. Benedetto, ma senza alcun comodo necessario avendo eretta una piccola baracca di legno ove tengo la famiglia meco in confuso (...), e ciò che è molto incomodo a me e a loro (...); a questo si aggiunge che più migliaia di persone d'ogni condizione si sono rifugiate in questo medesimo campo (...)" (cit. Cardoso, 1996: 459 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 5v.-8v. – 25 Nov. 1755).

Só no início de 1756 é que o núncio conseguiu erguer uma barraca com melhores condições, após a sua mudança para o jardim D. José da Silva Pessanha, enviado português à corte de Nápoles, mas com grandes dificuldades devido aos altos preços praticados para a venda da madeira assim como para a mão-de-obra.

"Io ho lasciato il campo de Monaci di S. Benedetto e da due giorni mi trovo nel avvisata casa del Sig. D. Giuseppe da Silva Pessanha, in una baracca di legno che ho fatta costruire nel giardino che veramente non è terminata perche molto ho stentato ad averne il legname e molto più gl'operai benchè per avere e gl'uni e gl'altri a crissimi prezzi (...)" (cit. Cardoso, 1996: 470 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 32v.-33 – 6 Jan. 1756).

São do final do ano as primeiras referências a medidas tomadas para avançar com planos de reconstrução da cidade, principiando pelo levantamento da planta da mesma, para posteriormente determinar a localização dos diversos edifícios, assim como dos arruamentos.

“D’ordine di S. Maestà si piglia ora la pianta di tutta la città per poi determinarei l luogo, il modo e la forma da restituirla abitabile (...) la Maestà S. ha determinato che non sai più nessuna chiesa senza un largo avanti in figura di Piazza e che sian qualche strada bem larga, mentre prima molte erano indecentemente in vicoli cattivi e stretti (...)” (cit. Cardoso, 1996: 469 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 22-28v. – 30 Dez. 1755).

A mesma carta alude à reunião da comunidade italiana em Lisboa para se preparar a reconstrução da sua igreja no Largo do Loreto, destruída pelos incêndios.

“Sabato (...) avevo stabilito un congresso com molti italiani per gl’affari della nostra chiesa nazionale, magnifica e incendiata come le altre com perdita di molti migliaia.” (cit. Cardoso, 1996: 468 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 22-28v. – 30 Dez. 1755).

Começa igualmente a ser erguida uma grande baraca para nela terem lugar os serviços religiosos da Patriarcal.

“Si travaglia ancora alla costruzione della gran baracca di legno che deve servire per l’uffizature della Patriarcale (...)” (cit. Cardoso: 1996: 472 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 35-36 – 13 Jan. 1756).

Durante os trabalhos de limpeza de escombros, para facilitar acessos e permitir igualmente os desaterros para se iniciar a reconstrução da cidade, foram encontrados vários cadáveres, assim como diversos bens e valores que foram guardados pelo Duque de Fontes, Governador da cidade, para serem devolvidos a quem provasse ser seu proprietário.

“Si continua benchè lentamente il ripulimento o scavamento, e si trovano dei corpi morti e sotto le rovine delle case ancor sempre monede, gioie e altre cose preziose, che tutto si pongono in un pubblico deposito appo il Duca della Foens, Governatore della città per restituirsì poi a proprietari che chiaramente potranno giusticare la proprietà (...)” (cit. Cardoso: 1996: 476 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 50-51v. – 17 Fev. 1756).

Embora grande parte da população, incluindo a Família Real, tenham permanecido por muito tempo instalada em tendas, a planificação dos projectos de reconstrução, envolvendo diversos arquitectos, já decorria no final de Março.

“Per la riedificazione della città e in essa chiese colla debita decenza è certo che S. M. ha il suo pensiero fisso e fà travagliare a levare la nuova pianta nel sitio particolarmente ove ella era, avanti il grand flagello che l’ha distrutta e più architetti vi travagliano, e intanto la Maestà Sua e tutti gl’atri abitanti vivono nelle tende e barache che oramai compogno nei campi e strade di campagna una nuova città (...)” (cit. Cardoso: 1996: 479 – ASV, S.S. Portogallo 196, f. 61-62v. – 23 Mar. 1756).

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto de cartas enviadas por Filippo Acciaiuoli, núncio apostólico em Lisboa, para a Santa Sé, entre Novembro de 1755 e Junho de 1756, pela sua quantidade, assim como pelo período cronológico que abrange, constituí um dos melhores contributos para o conhecimento do que se passou em Portugal, e em particular na sua capital, nos meses que se sucederam ao grande Terramoto de 1755. O cargo eclesiástico que ocupava permitiu-lhe ter acesso a uma série de informações junto de outras personalidades relevantes da sociedade de então que, de outro modo não poderia ter tido conhecimento, transmitindo-as, na forma de relatórios ao seu interlocutor. Trata-se de um total de quarenta e sete cartas, a maioria delas dirigidas a Cardeal Se-

cretário de Estado (35), sendo as restantes enviadas ao Papa (11) e uma outra a um irmão.

Os vários temas abordados surgem em diversas cartas, transmitindo muitas vezes de que modo as diversas situações relatadas foram evoluindo, como sucede com os estragos provocados pelas réplicas e pelos incêndios que se prolongaram durante dias, ou como avançaram os trabalhos de limpeza da cidade, da construção das barracas e da reconstrução das áreas mais afectadas.

A “*pobre gente*” afectada pelo cataclismo é diversas vezes mencionada na correspondência, quase sempre aludindo às más condições de salubridade das estruturas precárias onde se encontrava instalada, uma vez que a maioria permaneceu durante vários meses em barracas, o que marcou inclusivamente a toponímia de algumas zonas da cidade, principalmente na zona do Alto da Cotovia (Príncipe Real). Além destes condicionalismos, nas primeiras semanas, as populações tiveram igualmente de lidar com os diversos roubos e pilhagens que um pouco por toda a cidade foram sucedendo, apesar de terem sido tomadas céleres medidas para minimizar esta situação. São ainda mencionadas, embora de forma pouco desenvolvida, quais as medidas tomadas para apoiar os feridos, em particular a criação de um hospital provisório no Mosteiro de São Bento, actual Assembleia da República.

Embora sejam referidas outras individualidades, os principais interlocutores do núncio são claramente o Rei e a Família Real, assim como o Secretário de Estado Sebastião José de Carvalho e Melo, futuro Marquês de Pombal, com os quais ao longo destes meses o prelado reuniu frequentemente e com quem abordou e debateu algumas soluções para as contingências quotidianas e religiosas provocadas pelo sismo.

Estas relações vão acabar por ficar comprometidas em 1759, visto que Filippo Acciaiuoli se insurgiu em defesa da Companhia de Jesus, que acabou por ser implicada na tentativa de assassinato do Rei, naquele que historicamente ficou conhecido como o Processo dos Távoras. Nesse sentido, em Junho de 1760, o entretanto nomeado Cardeal Acciaiuoli

foi forçado por forças militares a sair do reino de Portugal.

Após receber o chapéu cardinalício, foi nomeado para a diocese de Ancona (Itália) em 1763, onde faleceu três anos depois. O seu corpo foi sepultado na catedral São Ciríaco, naquela mesma cidade (Miranda, 2012/2015).

BIBLIOGRAFIA

ALBERTO, Edite (2016) – “Frei Tomás de Aquino e o Terramoto de Lisboa” in Viegas, I. M.; Gomes, M. (coord.) *Extraordinários sucessos do Terramoto de 1755. Memória histórica de frei Tomás de Aquino*. Lisboa: Arquivo Municipal, pp. 17-46.

ARAÚJO, Ana Cristina (2005) – *O Terramoto de 1755. Lisboa e a Europa*. Lisboa: Clube do Coleccionador dos Correios (167 p.).

BRAGA, M.^a Luísa (2007) – “O grande sismo de 1755. Os testemunhos presenciais e as diversas interpretações” in Rollo, M. F.; Buescu, A. I.; Cardim, P. (coord.) *História e Ciência da Catástrofe – 250º Aniversário do terramoto de 1755*. Lisboa: Edições Colibri, Instituto de História Contemporânea – Universidade Nova de Lisboa, pp. 39-53.

CARDOSO, Arnaldo Pinto (1996) – “O Terramoto de Lisboa (1755). Documentos do Arquivo do Vaticano”. *Revista de História das Ideias*, 18. Coimbra: Faculdade de Letras/Universidade de Coimbra, pp. 441-510.

CARDOSO, Arnaldo Pinto (2005) – *O terrível Terramoto da cidade que foi Lisboa. Correspondência do Núncio Filippo Acciaiuoli (Arquivos Secretos do Vaticano)*. Lisboa: Alêtheia Editores (153 p.).

MIRANDA, Salvador (2012/2015) – Filippo Acciaiuoli (1700-1766). *The Cardinals of the Holy Roman Church – Biographical Dictionary*. Florida International University Libraries (disponível em <http://www2.fiu.edu/~mirandas/bios1759.htm#Acciaiuoli> – consultado em Maio 2016).

